

Primórdios de uma biografia

7/4/82 N.

Transcrevemos do manuscrito de um livro dedicado a Josina Machel, em preparativos de impressão no Instituto Nacional do Livro e do Disco, alguns trechos da sua introdução onde se apontam os primeiros passos da heroína, desde a sua infância à adolescência.

Josina Abiatar Muthemba, hoje simplesmente conhecida como Josina Machel, nasce em Inhambane, em plena época colonial-fascista, a 10 de Agosto de 1945.

Ela provém de uma numerosa família, a família dos Muthembas.

Os seus ascendentes caracterizam-se sempre por uma profunda tradição de orgulho nacionalista e um grande enraizamento na sua pátria.

Josina cresce assim desde a infância mais tenra, num ambiente difícil de confrontação permanente entre a sua condição de moçambicana e o colonialismo despersonalizante dos portugueses.

Aos cinco anos o seu pai foi transferido para Mocimboa da Praia. É aqui que ela inicia a sua instrução primária, prosseguindo os seus estudos durante três anos e meio. Em meados da década dos anos cinquenta Josina termina a sua 4.ª classe em Xai-Xai, para onde o seu pai fora trabalhar, por motivo de nova transferência.

Em Xai-Xai não havia nenhum estabelecimento de ensino secundário. Por conseguinte, os seus pais enviaram-na então para a casa de sua avó materna em Lourenço Marques.

Aqui ela continua os seus estudos na Escola Comercial. Foi a partir de 1957.

Em Lourenço Marques, Josina vive no Diamantino, com a sua avó materna.

Após o falecimento da avó, ela continua a viver na mesma casa com a sua tia, esposa do tio Daniel, irmão de sua mãe. Mais tarde, depois de sair da prisão, Josina vai morar na área do Záza com a tia, prima da sua mãe.

No início da década de 60, lá para os anos 60 e 61, a Juventude de Lourenço Marques começa a acompanhar, com interesse cada vez mais vivo, o movimento de libertação nacional em África.

No entanto, em Josina Machel, a sua atitude de adesão a este movimento que sacode a África e se estrutura no nosso País, ultrapassa a simpatia e a simples curiosidade.

Josina adere à luta. Josina decide participar no combate libertador, combate que ela soube avaliar claramente como sendo justo e decisivo. Josina não aceita ser espectador passivo de uma autêntica epopeia de luta vitoriosa que se abre à sua frente.

Como vivia a juventude estudante em Lourenço Marques?

A juventude ou mergulhava nos compêndios dos Liceus e das Escolas Comercial e Industrial, preocupada com a perspectiva de um futuro individual mais confortável, ou se marginalizava afogando-se também no álcool, nas diversões gratuitas e na vida fácil.

Muitos ainda se lembram dos cemitérios fantasmas que a PIDE criou para neles enterrar aqueles que falavam da liberdade; cemitérios para neutralizar aqueles que manifestassem a vontade do povo moçambicano de tornar-se independente.

É nestas circunstâncias que Josina Machel decide juntar-se à FRELIMO, cuja acção parecia tão distante para muitos.

Ela toma esta decisão vencendo o terror e o rigor do cerco que o colonialismo tenta fazer a todos aqueles que militam pela liberdade.

Em 1964, Josina é dos poucos pretos que frequenta o ensino secundário. Em todo o Lourenço Marques não seriam muito mais de uma vintena os moçambicanos que se encontravam a frequentar o 3.º, 4.º, 5.º anos do ensino secundário.

Por isso quando Josina Machel abandona a Escola Comercial e decide sair do País, muitos se perguntam:

— «Mas porque é que ela se mete nisto agora? Porque é que ela não continua os estudos? Ela devia continuar os estudos!»

Outros iam mais longe nos seus comentários, acrescentando:

— «Ela devia acabar o seu curso comercial cá e ir depois à Metrópole fazer o seu curso superior!»

Josina respondia a estes comentários agindo e enfrentando todas as consequências da sua decisão.

Estes não sabiam que Josina não se atirara para o desconhecido. Não podiam compreender que ela rumava, sim, para o domínio da esperança e da certeza da vitória, para o seio da organização através da qual o povo conquistaria a liberdade.

O seu grupo percorre a pé mais de 80 km. Sem água e sem comida; descem do comboio às 4 horas da madrugada em Mapai, para só 24 horas depois atravessarem a fronteira para a Rodésia.

Dentro da Rodésia marcham ainda cerca de 16 horas mais, até chegarem à estação ferroviária onde poderiam apanhar o comboio que os levaria para Tanganica.

Josina é então presa praticamente às portas da Liberdade. Ela é colocada numa prisão rodesiana situada a escassos metros da fronteira com a Zâmbia.

Josina Machel é assim deportada para Lourenço Marques e presa durante muito tempo nas masmorras da PIDE.

Durante o período da prisão, a PIDE procura por todos os meios desencorajar aqueles jovens de terem ou manifestarem sentimentos nacionalistas.

Procura desencorajá-los torturando-os, primeiro, psicologicamente; torturando-os muitas vezes fisicamente, mas, sobretudo, procura desencorajá-los indicando que nunca seria a FRELIMO quem poderia garantir o seu futuro e muito menos do Povo.

Josina não se deixa enganar. Vence a força bruta da PIDE, vence as suas pérfidas tentativas de persuasão.